

Fuga de capital agravou os problemas do Brasil

por Peter Montagnon
do Financial Times

O problema da dívida da América Latina foi severamente agravado pela fuga de capital, que somou US\$ 100 bilhões nos quatro anos que precederam a crise deste ano, segundo uma pesquisa realizada pelo Manufacturers Hanover Trust, dos Estados Unidos.

O total inclui exportações legais de capital, na forma de investimento estrangei-

ro direto, e pagamentos da dívida do setor privado não registrados oficialmente. De acordo com a análise do Manufacturers Hanover, o fluxo de capital para o exterior foi um dos principais fatores negativos no desenvolvimento da crise.

No ano passado, por exemplo, as estatísticas demonstram que os erros e as omissões líquidas no déficit do balanço de pagamentos latino-americano atingiram US\$ 21,3 bilhões —

mais de três vezes o total de 1979. As exportações de capital a curto prazo, que também reflete a saída de capital, elevaram-se a US\$ 13,5 bilhões em 1981, em comparação com US\$ 5,8 bilhões em 1979.

O economista do Manufacturers Hanover, Dimitri Balatsos, declarou em Londres, ontem, acreditar que essa tendência tem sido revertida em 1983. Isto reduzirá as necessidades de novos empréstimos, à medida que os países da América Latina não mais terão de repor constantemente divisas estrangeiras perdidas com o fluxo de capital ao exterior.

Embora tenha ressaltado que todas as estimativas são provisórias, Balatsos indicou que o México está atualmente experimentando um modesto refluxo. "Talvez já se tenha iniciado o retorno do fluxo para o México", manifestou.

Analizando dados fornecidos pelo Banco para Compensações Internacionais (BIS) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), Balatsos calculou que a saída de capital do México totalizou US\$ 12,3 bilhões em 1981 e US\$ 13,15 bilhões em 1982. Em 1979, esta alcançou apenas US\$ 4,4 bilhões.

Outros países que sofreram fortes fluxos de capital ao exterior incluem o Brasil, com US\$ 4,8 bilhões — mais de três vezes o montante de 1981 —, a Venezuela, com US\$ 9,7 bilhões, e a Argentina, com US\$ 3,2 bilhões. A Venezuela, que ainda não concluiu um programa com o FMI, continua sofrendo com a saída de capital, disse o economista, mas a maioria dos demais países está conseguindo detê-lo.

Balatsos afirmou que isto foi conseguido através de uma combinação de controle cambial, redução das reservas e declínio no fluxo de empréstimos dos bancos comerciais. Um momento de vulnerabilidade poderá ocorrer, entretanto, quando os países latino-americanos tiverem reconstruído suas reservas de divisas estrangeiras a um nível que dê lugar à tendência para a saída de capital. A ameaça de desvalorizações também estaria desincentivando os latino-americanos residentes no exterior a repatriar o capital obtido.